

Jards em Penedo



Capas de oito álbuns de Jards Macalé (1943 -2025). Itapoá News, Itapoá, 18 nov. 2025, fotografias, montagens (detalhes).

Fred Coelho

Doutor em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor dos cursos de graduação em Literatura e em Artes Cênicas e do Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Autor, entre outros livros, de *Jards Macalé: eu só faço o que quero*. Rio de Janeiro: Numa, 2020. pauperia@gamil.com

Jards em Penedo*

Jards in Penedo

Fred Coelho



Preâmbulo

No carnaval de 2022, fui convidado por Jards Macalé e Rejane Zilles, então sua companheira, para passar três dias com eles na famosa casa que a família do músico tem no distrito de Penedo, no município de Itatiaia, interior do Rio de Janeiro. Na verdade, o terreno comporta várias casas, de diferentes familiares de Jards. O espaço, pleno de verde, de quedas d'água e silêncio, foi adquirido pela sua avó materna Hilda Anet na década de 1960. Desde então, os Anet são personagens públicos do distrito conhecido pela sua colonização finlandesa.

Minha ida era fruto de um vínculo criado com Jards e Rejane a partir da feitura do ensaio biográfico *Jards Macalé: eu só faço o que quero*, cuja pesquisa e escrita feitas por mim ocorreram entre 2017 e 2020. O livro foi realizado entre as demandas mais urgentes de um edital e os isolamentos da pandemia de covid-19. Mesmo assim, entre 2017 e 2019, conseguimos nos encontrar com alguma frequência para uma série de entrevistas que fez da relação entre biógrafo e personagem uma relação de amigos. Além disso, Rejane estava iniciando o processo de criação do curta-metragem *Macaléa*, em que narra a amizade criativa entre Jards Macalé e Hélio Oiticica. Como eu conhecia bem os temas, a viagem também serviu para ajudá-la na fase inicial da pesquisa para o filme.

Nesse contexto, os três dias que passei em Penedo me aproximaram de um aspecto que, apesar da amizade, não tinha a oportunidade de vivenciar. Estar junto ao cotidiano de Jards foi, sem sobra de dúvida, testemunhar um artista em tempo integral. Se atos prosaicos de um feriado – como ouvir música, almoçar no restaurante ao lado de casa ou jogar pingue-pongue – não trazem em si nenhuma potência criativa, conviver com Jards é testemunhar uma presença dissonante no tempo e espaço que ocupa. Durante esses dias de convivência, aprendi que um músico total como ele está em permanente estado

* Convidado a publicar um microtexto-homenagem a Jards Macalé, desamarrado dos penduricalhos acadêmicos convencionais, para figurar na seção Ponto de vista, Fred Coelho, em e-mail ao editor de *ArtCultura*, escreveu: “O texto, como você sugeriu, é um pequeno relato de um relato de viagem. Este relato ficou aqui guardado, pois ele não é nem texto acadêmico, nem texto para se desperdiçar nas redes sociais. Guardei, sem saber onde pulicar. Eis que seu convite me abriu a possibilidade de articular o relato sobre essa viagem com o relato dessa noite passada em Penedo” (Nota do editor).

de audição das coisas ao redor, captando “os barulhinhos internos” do mundo, citação de uma expressão de João Gilberto que ele gostava de repetir.

O breve relato a seguir foi escrito a partir da minha atenção ao fluxo de microeventos que fazem a passagem gradativa de Jards Anet, cidadão caseiro, que gosta de ver televisão durante a noite, para Jards Macalé, um estado fictício experimental (como Flávio de Carvalho se definiu durante sua *Experiência n. 2*, em 1933). Nesse estado, há um violão nas mãos e uma deriva sonora na cabeça do músico. Ele se torna personagem sonoro, escorrendo entre acordes e versos.

O violão conduz Macalé para um espaço de memória, abre gavetas, se faz arquivo. Esse jogo entre violão e arquivo da música brasileira é muito presente, novamente, na obra de João Gilberto. Macalé, amigo, confidente e admirador de João, sempre esteve ligado a uma prática que adensa repertórios, ao realizar diversas regravações das mesmas músicas, ao retornar sempre ao mesmo para produzir uma diferença. Ampliar suas ideias por dentro do já feito, porém, soando como novo.

Aqui, vale um parêntese: muitos congelaram Jards Macalé em um espaço vazio de maldição, rebeldia e histrionismo por conta de seu jeito anárquico de se portar no meio artístico do seu tempo. Com isso, uma impressão errônea recorrente é que seu repertório é voltado para uma espécie de *rock* noturno dos anos de 1970. A obra de Jards, porém, e ainda naquela década, sempre teve, como em João Gilberto, a presença de um repertório afetivo do jovem ouvinte da Rádio Nacional. Jards cultivou na sua *performance* os anos formativos como copista da Orquestra Tabajara, como aluno de violão de Meira, violonista carioca que foi, também, professor de Baden Powell, além do período dedicado ao estudo de música erudita na Pró-Arte carioca. Essa formação popular e erudita em Jards fez do seu violão o portador desse arquivo que se atualiza em eterno retorno.

A cena, portanto, descreve um momento singular, um recorte no tempo dessa convivência, se aproximando de um relato entre a observação e o ensaio sobre a descrição de um herói na intimidade. Na época, Jards estava em vias de gravar *Coração bifurcado* (2023), seu último álbum solo. Com a produção de Romulo Fróes (que também compõe letras e canta no disco), participação de músicos como o guitarrista Guilherme Held, o baterista Thomas Harres, o baixista Pedro Dantas e o cavaquinho de Rodrigo Campos, com a direção geral de Rejane Ziles, as canções do *Coração* estavam sendo compostas em um processo a distância que atravessou a pandemia. Parceiros novos como Ronaldo Bastos, antigos como José Carlos Capinam, além dos nomes de São Paulo que já o acompanhavam desde o disco *Besta fera* (2019), como Kiko Dinucci, Alice Coutinho e Paulo Climachauska, ouviam por áudios de WhatsApp as melodias criadas por Jards e enviavam letras. O processo também podia ser o inverso, com Jards criando melodias em cima de letras enviadas para ele. O cantor e o compositor que habitavam o mesmo músico estavam, portanto, em plena ebulição. Fazendo de uma noite de carnaval uma pequena apoteose intimista.

Novamente, a intenção de publicar este breve relato sobre uma noite trivial de televisão e violão de Jards Macalé em Penedo é mostrar como, nos pequenos gestos, um imenso artista, então com oitenta e um anos de idade, não cessava seu aprofundamento em um mundo pessoal de criação e inven-

ção. Ao tocar um repertório obsessivo – e, simultaneamente, renovador –, ele mostra que sua morte recente (novembro de 2025) não acarreta somente a perda de um grande nome da música brasileira. O que perdemos com a partida do artista Jards Macalé é uma reserva fundamental de inquietude e rigor em um país – e, por que não, um mundo – que cada vez mais nos retira a capacidade de invenção e experimentação.

Penedo, noite de carnaval

Ele estava sentado entre as imagens de seus heróis: Pedro Arcanjo, John Lennon, Einstein, o Fantasma, uma imagem de São Jorge e um escudo do Flamengo. Tudo modesto e quase austero. Via no telejornal imagens e sons da invasão Russa na Ucrânia. Era sábado de carnaval e ele franzia a testa com uma bomba cuja fumaça formara um cogumelo similar aos das bombas atômicas. “Vai dar merda, ou melhor, já deu merda”, ele disse. De repente ele pega seu violão, acende um cigarro, aumenta o volume da TV e começa a tocar. Distraidamente. “Chega de saudade”. Só o violão e a guerra na Ucrânia. E ele começa a cavar harmonias, ampliar o ritmo, se surpreender consigo mesmo em uma música que, segundo ele, já tocou mais de quinhentas mil vezes. Eu o lembro que a música tem sessenta e três anos e ele se mostra surpreso.

Ela chega e tira o som da TV, cortando um pouco o ar surreal do conjunto guerra-violão-Vinicius-Jobim-Putin-João. Ele rosna de leve, ela marca firme posição, ele ri e segue tocando. “Harmonia. Tudo é harmonia. A harmonia deixa tudo infinito em uma música”. Enquanto ele murmura isso, segue alterando “Chega de saudade”, cata um acorde que parece impossível mesmo sabendo de trás pra frente como se toca. Falamos um pouco do violão de Jobim, das harmonias da Bossa Nova. Ele então diz que nunca soube tocar “O barquinho” e começa. Toca inicialmente com dificuldade, mas lindamente, dessa vez cantando. Primeiro em balbucio, depois encaixando nas divisões. E vai mudando a harmonia quando pega o *groove*. E a música balança no violão dele e nunca foi tão bonita na gagueira dele catando os acordes. E vai mudando a harmonia até “O barquinho” virar uma canção *dark*, grave. “O barquinho” na guerra da Ucrânia. Ele para e repete enquanto olha mais uma bomba na TV e fuma forte um cigarro filtro branco: “harmonia. Tudo é a harmonia”.

E, como se tivesse sido só um aquecimento, um charme seduzindo ouvintes num esquentar básico, ele começa a mostrar músicas novas. Todas lentas, lindas, fluidas. O homem da transgressão na verdade só quer falar de amor. E toca uma valsa linda, batizada de “Amor em paz”, feito para ela, que a essa altura nos assiste sentados no sofá enquanto balança em uma cadeira. Ela pede para ele tocar outras novas: “toca aquela com a letra do Romulo”, ela diz, e ele começa. Catando milho, meio dizendo não saber ainda muito bem. A letra de Romulo é um tiro, eu fico emocionado e digo que era uma valsinha. Ele me diz que não é uma valsinha: ele tocou como uma valsinha. E aí manda a mesma como um samba-canção. *Swing* puro. Aí diz que pensou numa gravação em que o Guilherme faria uma guitarra “tipo Barney Kessel” e a Gal cantaria “tipo Julie London”, e toca como se fosse a guitarra, e a música vira um *blues* lindo. Eu digo que ficou linda como *blues*, e ele diz que ainda é o samba-canção, mas que na verdade ele ouvia ao fundo bongôs de bolero – e toca como se fosse um bolero a mesma música.



Eu fumo e tamborilo levemente as mãos em um sofá, me imaginando o percussionista daquela música em mutação. Ele toca mais uma, instrumental, incrível, já firme, já solto, improvisando e transformando as músicas. Eu digo a ele que sua música mais linda que fala de amor é “Puntos cardinales”. Ele solta uma risada alta e diz “eu e Jorge”. E sem pestanejar começa a tocar lindamente, sofregamente, cantando como se tentasse entender por que eu achava a música “a mais bonita”. Eu cantorolo baixinho ao lado. Ele sorri. Ela nos chama para comer um bolo de laranja e beber chá. São onze e meia da noite. A guerra continua na TV. Ele está cansado. Eu também. Já deu merda. Mas o amor e a harmonia podem salvar o mundo.

Texto recebido em 14 de dezembro de 2025. Aprovado em 28 de dezembro de 2025.